

A narrativa possível: conclusões e considerações sobre a perspectiva marxista do GTTE

Na Introdução procuramos, além de apresentar o trabalho em si, mostrar um pouco do porquê e da motivação do tema e do nosso objeto de estudo. Para isso, trouxemos um episódio, a nossa participação num Congresso da Cut em 1999, em que os outros trabalhadores nos desafiaram com uma questão: “Do que vocês estão falando?”. Essa questão foi tomada nesta tese, não necessariamente para respondê-la, mas realmente como problema de pesquisa. A proposta era entender por que os trabalhadores nos faziam aquela pergunta e daquela forma, por que nos desqualificavam enquanto trabalhadores ou mesmo enquanto intelectuais capazes de refletir suas lutas e causas. Ainda que a pergunta dos trabalhadores pudesse estar recheada de pré-conceito, talvez de desconhecimento, tomamos a questão para refletir sobre a própria Universidade, a Academia, ou seja, o lugar de “onde falávamos”. E com as novas interlocuções que fomos fazendo, com novos autores e novas referências que fomos incorporando, os trabalhadores foram ficando para trás (admitimos) – o que mostra a pertinência da pergunta que eles nos faziam –, a direção da pesquisa tomou um outro rumo: o de entender primeiro o nosso próprio lugar. Assim, nossos estudos recaíram sobre o GTTE da Anped, Grupo de Trabalho e Educação da Associação Nacional de Pós-graduação em Educação. A questão dos trabalhadores serviu para orientar uma avaliação do GTTE e, em parte, da própria área de Trabalho e Educação. Com o prosseguimento dos estudos, foi se confirmando que o GTTE seria um bom “termômetro” da área, tanto por conta de seu lugar e papel dentro da Anped quanto – principalmente – por sua representatividade em relação aos principais núcleos em Trabalho e Educação ligados a algumas Universidades. Vale a pena, neste momento, retomar alguns dos resultados da pesquisa, para se perceber a que entendimento do GTTE se chegou.

O GTTE que já foi o GT da PUC-SP, que cada vez mais vai tendo a forte influência do Núcleo de Trabalho e Educação (o Neddate) da UFF, que sente a presença de mais sete instituições (UFMG, UFSC, UFPr, UFBa, UFCe, UFSCar e cada vez mais as ESCOLAS TÉCNICAS), em conjunto constituindo as “9 irmãs”,

é ainda um GT baseado em relações personalísticas. Para seis dessas instituições, (as mais presentes e influentes no GTTE), pode-se citar pelo menos um nome de um autor-pesquisador que possui as seguintes características concomitantemente: i. esteve entre os fundadores do grupo, ii. participou da coordenação (ou teve forte influência na mesma) e iii. é referência bibliográfica na área. Ei-los: Celso Ferretti (PUC-SP), Gaudêncio Frigotto (UFF), Lucília Machado (UFMG), Acácia Kuenzer (UFPr), única que não foi coordenadora, mas é inconteste a sua influência), Iracy Picanço (UFBA) e Paolo Nosella (UFSCar). Enéas de Arrais Neto não reúne as três características, mas é principalmente por conta dele que a UFCE se faz presente. Já as escolas técnicas, por enquanto, se fazem presentes muito mais através da relação que mantêm com as universidades (as “9 irmãs”). Talvez, seja a UFSC a “escola” que tem a menor relação personalística com o GTTE: os seus principais expoentes são da 2ª e 3ª gerações, curiosamente foi a primeira instituição a oferecer ao GT um coordenador que não esteve entre os fundadores, Paulo Tumolo. Pode-se dizer que o GTTE é um importante lugar de expressão para esses agentes, tanto para os autores-pesquisador quanto para as instituições. No GTTE, é possível reconhecer os agentes que dele participam há anos. Isso explica, em parte, o porque desse grupo se manter coeso por tanto tempo. Porém, uma questão se coloca para o futuro (talvez próximo): como ficará o grupo com o provável afastamento de seus mais renomados autores-pesquisador? E desta questão derivam outras: O GTTE terá uma relação mais institucional com os seus agentes? Os autores-pesquisador da 3ª geração já estarão com vínculos profissionais mais definidos e próximos das principais instituições participantes do GTTE? Porque até este momento não o estão. Ou o grupo tende a ser mais temático, correspondendo às expectativas da Anped (uma espécie de “engavetamento”) em relação à educação profissional e também por conta da crescente demanda das escolas técnicas? Com certeza, essas são questões que exigirão de seus participantes uma boa dose de atenção.

O GTTE, o marxismo e a formação profissional. A primeira característica do GTTE é a sua identificação com o marxismo, característica confirmada em balanços anteriores sobre o grupo, nas referências e no conteúdo dos trabalhos apresentados, no resgate histórico do grupo como um todo, no histórico e nos depoimentos dos agentes participantes, e na avaliação dos Núcleos em TE participantes do GT. Aos poucos, a identidade do GTTE vai sendo composta

também pela temática “formação profissional”, não obstante, esta seja uma característica que tende a identificar o grupo do ponto de vista externo. O GTTE é o “Grupo do Marxismo” e o “Grupo da Formação Profissional”. Os trabalhos que demandam pelo GTTE, ou para ele são filtrados, seguem essas duas características principais.

O GTTE foi problematizado. E essa problematização foi feita, primeiro, num resgate histórico do próprio grupo, com os depoimentos de seus fundadores e com a revisão de parte de sua literatura; segundo, com a leitura e interpretação da sua produção escrita; e terceiro, a partir de seus próprios agentes, por meio de seus depoimentos e dos vários documentos analisados. Os problemas foram levantados em várias ocasiões ao longo da tese e, para alguns deles, foram ensaiadas algumas explicações. No geral, o que vale trazer aqui é o entendimento de que a maior parte dos problemas – desde os problemas concretos (desprestígio nos programas de pós-graduação em educação, menor procura de alunos pela área de TE, menor interlocução com outros educadores de outros campos, etc.) que vêm dos núcleos e recaem sobre o GTTE, até aqueles percebidos e construídos pelos seus próprios agentes (como a crítica de que o GTTE investiga pouco a Educação Básica) – foi relacionada, sobretudo, à questão de como o grupo conduz a sua perspectiva teórica hegemônica; mas do que isso, de como conduz a sua perspectiva teórica “identificatória”. Um dos pontos mais interessantes a se perceber é como os agentes (inclusive nós) fazem o levantamento dos problemas. De maneira geral, o mesmo é feito tentando sempre preservar a perspectiva teórica identificatória do grupo, no caso, o marxismo. Quer dizer, os problemas levantados podem até ser associados ao tipo de marxismo que é realizado, mas não ao marxismo em si, não na totalidade de seu programa. Mesmo porque se o grupo se fez marxista, pretendeu e pretende continuar nesta linha, qualquer movimento contrário a isso pode significar uma não-identificação com o grupo. O que um não-marxista poderia querer num grupo que se identifica com o materialismo? Quem é que estaria fora de lugar?

A nossa principal hipótese, que supomos ter sido confirmada quase que na sua totalidade, também demonstra essa característica, porque pressupõe a crítica, mas também procura manter preservado o referencial marxista. Retomando: “o GTTE tem uma tradição teórico-metodológica que vem se repetindo ao longo de vários anos, baseada no marxismo, que influencia o GTTE e sua produção a manter-se

em “bases seguras”, nos *domínios consagrados*, nas mesmas temáticas, nas mesmas abordagens e nas mesmas referências”. Quer dizer, o nosso propósito também foi o de explicitar as limitações de uma certa tradição teórico-metodológica, mas não o de questionar o marxismo em si. Por conta disso, teve de considerar que alguns dos problemas do GTTE estão assentados na própria identificação do GTTE com o marxismo.

Não se pode dizer, por exemplo, que há no GTTE um “patrulhamento ideológico”, já que foi visto que a maior parte dos agentes percebe (e deseja) o grupo aberto a qualquer outra teoria, mesmo não-marxista. Não obstante, os agentes mostraram-se conscientes de que os trabalhos passam por um *filtro epistemológico* e que precisam ter um certo grau de *coragem* para apresentar outras temáticas, e que *temas novos* muitas vezes não aparecem porque estão referenciados imediatamente a outras teorias não-marxistas. Quer dizer, pode não haver no GTTE um patrulhamento ideológico dos trabalhos oferecidos ao grupo, mas talvez esteja operando um “constrangimento ideológico” no interior do mesmo.

Um dos dilemas é que o marxismo que legitima o autor-pesquisador, que lhe dá as condições de obter mais prestígio e *autoridade científica* dentro do grupo, é o mesmo marxismo que o diminui externamente, frente aos outros *pares-concorrentes*, frente aos outros autores-pesquisador em Educação, que não são do GTTE.

A pergunta que pode ser deixada para reflexões futuras é se o GTTE tem “direito” a uma identidade ideológica “oficializada”. Na verdade, supomos que isso não é interessante nem mesmo para o próprio marxismo, que deve se posicionar dentro do GTTE na busca por uma hegemonia a ser conquistada no embate direto e frontal com outras perspectivas e numa inserção maior em outros tipos de pesquisa e de temas. A partir das idéias de Michael Löwi no livro “As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen”, pode-se perguntar: se o ponto de vista do trabalhador, tão caro ao marxismo, possui superioridade epistemológica, o que se deve temer⁹⁰? Se o marxismo não é capaz de enfrentar seus desafios para

⁹⁰ Palavras do próprio Löwi: (...) *o ponto de vista do proletariado não é o monopólio exclusivo de um único grupo ou corrente, mas representa, em cada momento histórico, o horizonte comum a um conjunto de forças políticas e intelectuais, sociais e culturais que reivindicam a visão proletária – isto é, de sua utopia revolucionária. (...) Não se trata de uma distinção entre “verdade” e “erro”(ou “ciência” e “ideologia”), mas entre horizontes científicos mais ou menos vastos, entre limites mais estreitos ou mais amplos da paisagem cognitiva percebida.* (LÖWI, 2000, P. 211)

além de suas “bases seguras”, como pode legitimar-se, garantir que seu conhecimento é realmente avançado?

Assim sendo, o debate percebido dentro do GTTE entre duas posições que defendem, respectivamente, que o melhor caminho é o da ortodoxia (um grupo com uma identidade ideológica definida) e que o caminho é o da heterodoxia (mais aberto a outras teorias), não é profícuo. Se o GTTE quer garantir que uma perspectiva seja hegemônica, no caso o marxismo, tem de fazê-lo exatamente, em bases que não lhe sejam seguras, com pesquisas em novos lugares e construindo novos objetos de estudo e, como já foi dito, buscando o diálogo e o confronto direto com outras perspectivas, próximas ou adversárias.

As inferências a que chegamos com o GTTE certamente não servem somente para este grupo, mas para todos aqueles que, no campo científico, precisam enfrentar os desafios que trazem inevitavelmente as dimensões políticas, ideológicas, econômicas, etc. sem perder de vista o progresso científico e a busca do conhecimento. Vale registrar, apesar dos momentos de crítica aqui expressos, que este trabalho é também uma homenagem a este grupo, a seus participantes, ao posicionamento político que sempre tiveram (mesmo na fase *démodé*); e sobretudo a seus fundadores, que confundem a sua história com a da construção da Anped, com a da constituição dos programas de pós-graduação e núcleos de Trabalho e Educação, a esses pesquisadores *seniors* que persistem e ainda se empolgam em lutar pelo grupo, mesmo quando as adversidades e o desânimo aparecem.

Talvez, o que desejássemos realmente desde o início era manifestar, como fizeram os nossos entrevistados, algumas das nossas críticas ao grupo, ao mesmo tempo em que se desejava manter muitas de suas características. A contradição diz respeito, exatamente, ao fato que o ponto que um critica é o que o outro quer manter; enquanto um vê esse ponto como positivo, como acontece, por exemplo, com a ampliação dos estudos e a participação das Escolas Técnicas, um outro vê nessa questão a razão para a desmotivação. Cada um de meus entrevistados, também como exemplo, enfatizaria mais um assunto que outro, encaminharia uma solução em detrimento de outra, assim como em seus depoimentos cultivaram expectativas diferenciadas sobre este nosso trabalho. A linha narrativa e interpretativa que aqui se construiu será sempre uma parte do que esperavam e também do que não esperavam nossos interlocutores, o que nos sugere refletir um

pouco sobre como deveria ser um grupo e, no caso, um grupo acadêmico dentro de uma expressiva Associação Acadêmica sobre Educação.

Nessa perspectiva, é esta a nossa posição: Primeiro, o grupo não pode ser manifestação única de concepções e interesses particulares. Segundo, em se tratando da Associação de que faz parte, preterir a Educação Básica não é uma contradição, é um contra-senso. Terceiro, sendo uma instituição que procura fazer Ciência, é mister, como nos diz Bourdieu, que se procure a *revolução permanente* e não se restrinja à *revolução inaugural*, o que significa pensar e repensar orientações que coloquem o *interesse na verdade, em vez de ter, como em outros jogos, a verdade de seus interesses* (BOURDIEU, 1994, p. 141). Quarto, quando a opção teórica é uma questão visceral, como parece ser o marxismo para o GTTE, que possa se realizar sem contradizer os três pontos anteriores (pluralidade, educação e ciência) e assumindo o risco de responder aos desafios da realidade em bases que não lhe sejam seguras, superando qualquer dogmatismo. Assim, obtém-se uma conclusão semelhante a que chegou Leandro Konder, no seu livro “O Futuro da Filosofia da Práxis”, quando traz Gramsci pra dizer:

Na discussão científica, já que se supõe que o interesse seja a busca da verdade e o progresso da ciência, demonstra ser mais ‘avançado’ aquele que adota o ponto de vista segundo o qual o adversário pode expressar uma exigência que deve ser incorporada, ainda que como um momento subordinado, à sua própria construção (apud KONDER, 1992, p. 140).

Konder nos lembrou isso há quase 15 anos, pouco tempo depois da queda do muro de Berlim, momento em que a perplexidade da esquerda estava no auge. Talvez a perplexidade tenha até passado, mas ainda não houve tempo suficiente para uma resposta substancial aos novos desafios teóricos impostos pelos adversários e principalmente pela própria realidade. Não obstante, as lições históricas não podem ser esquecidas, não vai ser se fechando em guetos que as repostas surgirão, como já orientava Gramsci no século passado. Assim... *Eppur si Muove!*⁹¹

⁹¹ "Ainda assim, ela se move" Galileu Galilei em 1633.